

# O “IPA” NO ENSINO DE PRONÚNCIA EM LÍNGUA INGLESA: PRÁTICAS NA ESCOLA

Allan Ramos Teixeira<sup>1</sup>; Leônidas José da Silva Jr<sup>2</sup>

(1) Universidade Estadual da Paraíba, UEPB- [allanteixeira13x@gmail.com](mailto:allanteixeira13x@gmail.com)

(2) Universidade Estadual da Paraíba, UEPB- [leonidas.silvajr@gmail.com](mailto:leonidas.silvajr@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

No contexto social atual, o domínio de uma segunda língua (L2) –sobretudo língua inglesa – é de suma importância, tanto no âmbito profissional quanto no social. Logo o domínio comunicativo desta, o que implica diretamente na oralidade, se torna necessário, levando os aprendizes - falantes nativos do português brasileiro - a enfrentar dificuldades para alcançar esse objetivo.

A justificativa do presente trabalho se dá pelo fato de que o ensino de pronúncia – sobretudo envolvendo fonética e fonologia – tem sido negligenciado nas escolas embora os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) aborda a importância de habilidades orais em sala de aula (cf: Brasil, 2006). Apesar de haver esta preocupação, é perceptível que os alunos e docentes têm dificuldade no tocante aos aspectos de percepção e produção da L2; estes em ensinar e aqueles em aprender. Uma destas dificuldades está ligada à transferência fonológica (TF), em que, o aprendiz utiliza na língua-alvo as características fonético-fonológicas de sua língua materna (L1) durante a leitura e execução oral. Isso se dá tanto por não conhecer essas características da L2, e/ou até mesmo por não conseguir articular corretamente os fonemas inexistentes na L1 (cf: Alves, 2016; Alves e Silva Jr, 2016; Sousa e Silva Jr, 2016; Furtado e Silva Jr, 2016; Moureira e Silva Jr, 2016; Zimmer *et al.*, 2004).

Os objetivos do presente trabalho são:

- Discutir a importância e espaço da pronúncia e da fonética como ciência facilitadora do processo de ensino-aprendizagem de L2 – aqui especificamente: língua inglesa;
- Destacar aspectos menos positivos do ensino-aprendizagem de língua inglesa sem o auxílio da fonética (e fonologia) resultando na transferência fonológica L1-L2;

- Apresentar o Alfabeto Fonético Internacional (*international phonetic alphabet- IPA*) e a sua relevância para uso em sala de aula a fim de propiciar melhores resultados no ensino-aprendizagem na oralidade;
- Conscientizar os sujeitos envolvidos – aluno e professor - na esfera escolar sobre a importância da pronúncia no ensino de L2.

Antes de retomarmos o IPA, falemos um pouco acerca de processos fonológicos oriundos da não-prática de pronúncia concomitante ao não-uso de ferramentas como o IPA.

Segundo Bauer (2011), há diferentes tipos de transferência L1-L2, e essas podem afetar diretamente o grau de inteligibilidade (habilidade do aprendiz de se fazer entendido) da produção oral em L2, ou seja, transferir de sua L1 os padrões de percepção e produção para a L2 bem como, a transferência grafo-fônico-fonológica (TGF), que se trata da produção da palavra a partir dos padrões existentes entre grafema e fonema de sua L1 (cf: Alves, 2016).

É possível observar estas TFs como na palavra “*think*” (pensar) [θɪŋk] que - de acordo com resultados de análises acústicas da fala - Alves (2016); Alves e Silva Jr (op. cit) e Moureira e Silva Jr (op. cit) – a produção se dá como [fɪŋk], [sɪŋk] ou mesmo [tɪŋk]. Na segunda, a TF é negativa, pois a produção de “*think*” soa como “*sink*” (pia), o implica diretamente na inteligibilidade oral.

Para Souza (2009), é importante o estudo de fonética da língua estrangeira, para que o aluno possa perceber a relação entre a palavra escrita e falada. Ou seja, a fonética possibilita uma visão geral do sistema sonoro de L2, para que haja por parte do aluno/aprendiz consciência da produção oral: mecanismo da fala e audição. Em relação a isto, Taveira e Gualberto (2012, p.3) apontam que:

“[...] se os alunos não tiverem a consciência fonológica da L2, eles não saberão como monitorar seu discurso, sempre irão precisar de alguém para corrigir a sua pronúncia. [...] Diante disso, entendemos que conhecer os fundamentos do sistema fonológico do inglês enquanto língua estrangeira pode ser efetivo na busca de levar os alunos a tornar-se conscientes da pronúncia correta e capazes de monitorar a própria fala”.

O autor ainda coloca que mesmo que por meio de prática o aprendiz venha a desenvolver uma boa comunicação, os conhecimentos fonético-fonológicos auxiliam no processo de desenvolvimento desta, e promovem o domínio da produção oral. Nessa mão, retomemos nosso objeto de estudo – o IPA como mostram as figuras 1 e 2.

| Manner of articulation | Place of articulation |              |        |          |                 |         |       |         |
|------------------------|-----------------------|--------------|--------|----------|-----------------|---------|-------|---------|
|                        | bilabial              | labio-dental | dental | alveolar | palato-alveolar | palatal | velar | glottal |
| nasal (stop)           | m                     |              |        | n        |                 |         | ŋ     |         |
| stop                   | p b                   |              |        | t d      |                 |         | k g   | ʔ       |
| fricative              |                       | f v          | θ ð    | s z      | ʃ ʒ             |         |       | h       |
| (central) approximant  | (w)                   |              |        | r        |                 | j       | w     |         |
| lateral (approximant)  |                       |              |        | l        |                 |         |       |         |

Figura 1: As consoantes do inglês escritas em IPA (Ladefoged & Johnson, 2011, p. 43).

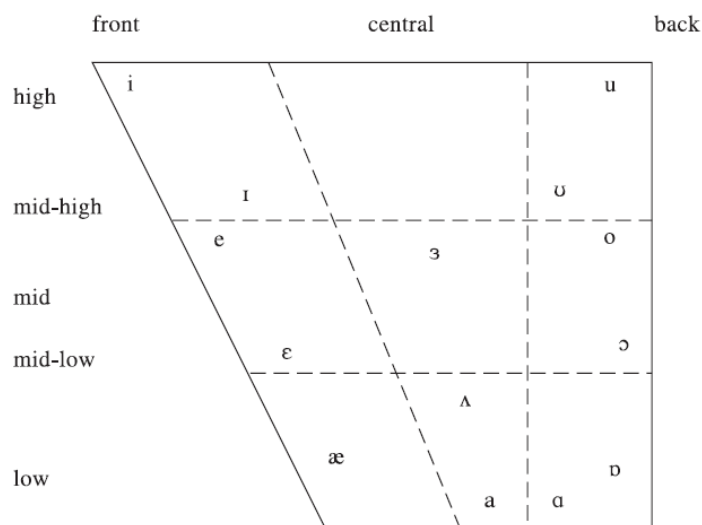
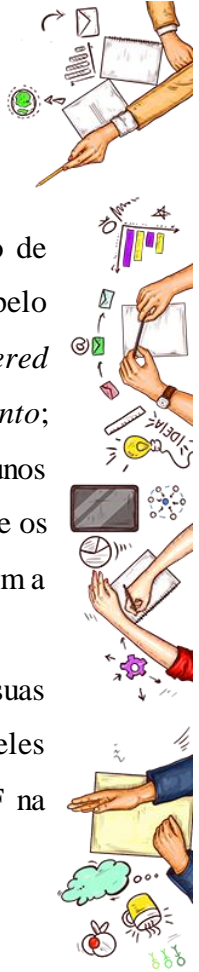


Figura 2: As vogais do inglês escritas em IPA (Ladefoged & Johnson, 2011, p. 44).

O IPA é o sistema de notação fonética com caracteres que representam os sons da fala. Segundo Taveira *et al.*, (2012), cada língua apresenta uma organização sonora específica, logo, cada língua possui alfabeto fonético próprio. A autora acredita que o uso do IPA para aprendizes de L2 “é necessário e produtivo” e, uma vez familiarizados com as transcrições fonéticas, os falantes desenvolvem autonomia para buscar novas palavras e suas respectivas pronúncias, como em dicionários ou em recursos digitais, que oferecem tanto a palavra e seu significado quanto a transcrição fonética e suas características.



Embora o ensino das transcrições fonética em sala de aula venha a exigir mais tempo de trabalho, a atividade pode se tornar leve e divertida a depender da abordagem realizada pelo docente como relata Santos (2009) sobre a abordagem centrada no aluno (*student-centered learning*). O autor coloca que esta abordagem os incentiva promovendo um *auto-monitoramento*; elemento importante para o auto-aperfeiçoamento e que o professor será um facilitador e os alunos serão participantes ativos na mudança de hábitos de pronúncia. Santos (op. cit) ainda ressalta que os símbolos fonéticos são ensinados de forma leve e divertida para permitir que os alunos verifiquem a pronúncia e percebam distinções entre sons e letras.

Alguns dicionários de língua inglesa voltado para estudantes brasileiros possuem nas suas páginas iniciais um esquema simples para representação dos fonemas junto a descrição deles usando exemplos de palavras em L1 e L2. Se observarmos, o próprio dicionário induz a TF na tentativa de aproximar os sons das duas línguas.

Nos exemplos (1) e (2), Vieira (2015, p. 21) mostra como seria esse esquema:

- (1) - /ʌ/ = parecido com o do primeiro a da palavra fama. Ex.: Money, mud, blood
- (2) - /ʃ/ = semelhante ao do ch da palavra chave. Ex.: sheep, shop.

## METODOLOGIA

Nossa metodologia se dá a partir da aplicação do IPA em séries finais do ensino básico (9º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio) em uma escola pública na cidade de Guarabira-PB e está dividida em 2 etapas.

Na primeira etapa, os alunos produzem uma sequência de 20 palavras aleatoriamente sem o conhecimento prévio do IPA. Computaremos a quantidade de erros e acertos desses alunos. Na segunda etapa, o aluno é apresentado ao IPA por meio de um jogo de cartas com figuras e os sons das palavras seguindo a proposta sugerida por Vieira (2016, p. 84)<sup>1</sup>.

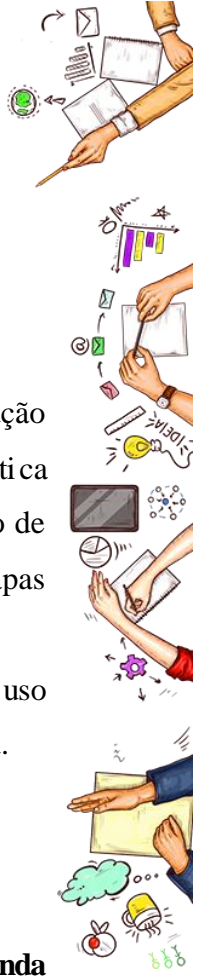
Após a aplicação das duas etapas, faremos um teste estatístico de correlação entre os grupos para verificar se o número de produções melhora significativamente na pós-instrução.

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, nossos dados ainda estão em fase de tratamento para análise futura dos resultados<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Vieira afirma que: “os jogos com cartas e figuras, neles o professor poderia entregar cartas que contenham a imagem, a palavra e o símbolo fonético correspondente à letra que se deseja ensinar o som”.

<sup>2</sup> A pesquisa encontra-se no estágio de coleta de dados para que possamos quantificá-la posteriormente.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecendo as dificuldades enfrentadas pelo aprendiz de L2 em relação a comunicação oral bem como, as enfrentadas pelo professor, acreditamos no auxílio e contribuição que a fonética pode oferecer, este estudo procurou apresentar a fonética como ciência facilitadora no processo de ensino-aprendizagem através do uso do IPA e seu uso em sala de aula simplificando as etapas relacionadas à fala.

Acreditamos, pois, que o aprendizado/aquisição de pronúncia seja potencializado pelo uso do IPA e o falante consiga avançar na esfera da percepção-produção da L2 com maior autonomia.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A C. **A importância da consciência fonológica na aquisição do inglês como segunda língua**. Monografia de Licenciatura em Letras, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2016. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/10954>

ALVES, A. C.; SILVA Jr, L. **A Transferência Fonológica no Processo de Aquisição da Língua Inglesa como Língua Estrangeira**. In: (D. Nóbrega; K. Silveira. Reflexões sobre o Processo de Ensino-aprendizagem de Línguas Estrangeiras. Campina Grande, EDUEPB, 2016, pp. 70-82.

BAUER, D. A. *et al.* **O ensino comunicativo de pronúncia nas aulas de inglês (L2) para aprendizes brasileiros: análise de um livro didático**. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.14, n.2, p. 287-314, jul./dez. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais, 2006. Disponível online: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf)

FURTADO, J.; SILVA Jr, L. **A Um Estudo Comparativo do Ritmo em Falantes Brasileiros na Produção do Inglês como Língua Estrangeira**. In: (D. Nóbrega; K. Silveira. Reflexões sobre o Processo de Ensino-aprendizagem de Línguas Estrangeiras. Campina Grande, EDUEPB, 2016, pp. 83-96.

LADEFOGED, P.; JOHNSON, K. **A Course in Phonetics 6th ed**. Wadsworth, Boston, 2011.

MOUREIRA, I. A.; SILVA Jr, L. **A Produção da Fricativa Interdental surda /θ/ no Processo de Ensino-aprendizagem em Língua Inglesa**. In: (D. Nóbrega; K. Silveira. Reflexões sobre o







Processo de Ensino-aprendizagem de Línguas Estrangeiras. Campina Grande, EDUEPB, 2016, pp. 16-28.

SANTOS, R. O. P. **Ensino da língua inglesa: pronúncia e ortografia na sala de aula.** In. Anais do ENIC, v. 7, no. 1, 2009.

SOUSA, J. F.; SILVA Jr, L. **A Palatalização da Fricativa Alveolar [S] em Inglês como Língua Estrangeira por falantes de Sapé/PB.** In: (D. Nóbrega; K. Silveira. Reflexões sobre o Processo de Ensino-aprendizagem de Línguas Estrangeiras. Campina Grande, EDUEPB, 2016, pp. 44-56.

SOUZA, M. P. **A fonética como importante componente comunicativo para o ensino de língua estrangeira.** In. RevistaProlíngua. Araraquara, 1983-9979, v. 2, no. 1, p. 33-43. Jan./Jun de 2009.

TAVEIRA, V. R. **Fonologia: ferramenta de ensino para professores de inglês como língua estrangeira.** Pesquisas em Discurso Pedagógico, 10.17771. PUCRio. PDPe.20887. 2012.2.

VIEIRA, L. P. M. **Análise Contrastiva: O Alfabeto Fonético Internacional como mecanismo de ensino de Língua Inglesa.** Revista Letras Fafibe, 6 (1), Set. ISSN 2177-3408, Bebedouro - SP. 2016.

ZIMMER, M. *et al.* **Pronunciation Instruction for Brazilians: Bringing Theory and Practice Together.** Cambridge Scholars Publishing, Newcastle upon Tyne. 2009.

